

O SILENCIAMENTO DA MULHER EVANGÉLICA: PALAVRAS E CONTRAPALAVRAS

SILENCING EVANGELICAL WOMEN: WORDS AND COUNTER-WORDS

Wilton Petrus dos Santos 1
Adriana Cavalcanti dos Santos 2
Rosângela Oliveira Cruz Pimenta 3

Mestre e Doutorando em Educação, Universidade Federal de Alagoas. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2384536780898443>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6920-3143>. E-mail: wiltonpetrus@yahoo.com.br 1

Doutora em Educação, Universidade Federal de Alagoas. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6659666517367641>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4556-282X>. E-mail: adricavalcanty@hotmail.com 2

Doutora em Letras e Linguística, Universidade Federal de Alagoas. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2979996984946203>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0530-8130>. E-mail: rocpiment@yahoo.com.br 3

Resumo: Este artigo tem como objetivo analisar como se legitima o silenciamento da mulher religiosa nos discursos ideológicos em igrejas evangélicas. Trata-se de uma análise qualitativa de cunho interpretativo, cujo aporte teórico destacam-se: Volóchinov (2017); Orlandi (1996, 2007); Pêcheux (1997) e Althusser (1985) e outros. Pela categoria do silenciamento, relaciona-se a materialidade “Marcela Temer: Bela, recatada e do lar” (Revista Veja) com materialidades das pastoras Elizete Malafaia e Ana Paula Valadão em suas redes sociais. Ressalta-se que o discurso incentivador das pastoras a então primeira dama ressignificou a construção do ideário da submissão feminina em um continuum discursivo atravessando e marcando tempos. Os resultados ainda apontam que a política do silêncio nos discursos analisados reverberou a função de calar algum sentido, como ato de censura. A censura aparece como uma missão ideológica, a partir da interpelação, incentivando negação à emancipação e à historicidade.

Palavras-chave: Discurso. Ideologia. Submissão.

Abstract: This paper aims to analyze how the silencing of religious women is established in the evangelical church ideological discourses. This is an interpretative qualitative research based on specially the following theorists: Volóchinov (2017); Orlandi (1996, 2007); Pêcheux (1997) and Althusser (1985) and others. Regarding the silencing, this article related two objects of research: “Marcela Temer: Beautiful, maidenlike, and a housewife” (Veja magazine); and Elizete Malafaia and Ana Paula Valadão’s publications on their social networks. The encouraging discourse of the pastors, the former first lady, re-signified the construction of the idea of female submission in a continuum discourse, crossing and marking the time. The results point out that the politics of silence in the analyzed discourses reverberated the function of silencing some meaning of them, as a kind of act of censorship. Based on interpellation, the censorship appears in this context as an ideological mission, encouraging denial of emancipation and historicity.

Keywords: Discourse. Ideology. Submission.

Introdução

Toda palavra é um palco de tensões existentes entre sujeitos organizados socialmente. Somos definidos como sujeitos, individuais e coletivos, através da realização da palavra. Essa realização surge pelas vivências, pois, para Volóchinov (2017, p. 216) “o centro organizador de qualquer enunciado, de qualquer expressão se encontra no meio social que circunda o indivíduo”. É na e pela linguagem¹ que se pode expressar ideias e conceitos, além de significar a realidade. Isto é, provocar relações e reações, unir e separar, construir e desconstruir significados na e pela linguagem.

Dito isto, salientamos que nossa proposta neste artigo é construirmos uma discussão sobre o ideário da submissão feminina no meio religioso. Nota-se que nas mais diversas religiões existe uma tendência à predominância do discurso da subserviência feminina, de modo que algumas são privadas de mostrar a face, ignoradas, menosprezadas ou completamente silenciadas.

Referente a esse silenciamento, tomamos como base de investigação a categoria do silenciamento de Orlandi (2007), reconhecendo que nos propomos falar do silêncio perpassado por momentos históricos, haja vista que, sem considerar a historicidade e os seus processos de construção e dos seus efeitos de sentido é impossível compreender o silêncio. Partindo desse princípio, este trabalho vem levantar algumas questões a partir de uma materialidade discursiva publicada na *Revista Veja* em abril de 2016 com o título: “*Marcela Temer: Bela, recatada e do lar*”, direcionada a esposa do então presidente da República Michel Temer.

No tocante à matéria da revista supracitada, logo depois da grande repercussão negativa de sua publicação no Brasil, duas pastoras, Elizete Malafaia e Ana Paula Valadão, aderiram a uma campanha em suas redes sociais (*Instagram*) em incentivo à reportagem, resignificando e (re)construindo um *continuum* temporal, percebido antes, durante e depois da publicação da revista em defesa da construção do ideário da mulher submissa.

Em relação à Ana Paula Valadão, observamos a recorrência de um discurso ideológico de militância, em especial pela submissão feminina. Esse discurso se reverberou em congressos e músicas de sua autoria, pelos quais afirmou sua felicidade na resignação ao trato do lar e servilismo ao seu esposo.

Dado o exposto, temos por objetivo analisar como se legitima o silenciamento da mulher religiosa nos discursos ideológicos em igrejas evangélicas, partindo do princípio de que o silêncio é entendido como uma forma diferente de significar, mas não é o vazio na/da linguagem. Ele - o silêncio - significa de forma ampla, constituindo os contextos sociais.

Para alcançar seu objetivo, essa investigação se baseou em uma análise de base qualitativa de cunho interpretativo. Propomos estudos e investigações através de materialidades da *Revista Veja*, das redes sociais e de documentos que refratam e apontam estudos de produções discursivas sobre o ideário feminino no meio evangélico. Vale dizer que os documentos e materialidades estão dispostos em canais de domínio público como, por exemplo, o site da *Revista Veja* e o *Instagram*.

A teoria adotada em nosso trabalho é a Análise do Discurso (AD) de base pecheuxiana porque, segundo Orlandi (1996), a partir dela é possível considerarmos os discursos de maneira diferenciada, longe da linearidade e da transparência, observando as possibilidades de interpretações e seus efeitos de sentido, estabelecendo uma relação menos ingênua com a linguagem.

Nesse sentido, a justificativa para analisar as materialidades selecionadas à luz da AD, segundo Pimenta (2016, p. 22), “é pensar para além da língua como sistema, levando em conta o contexto histórico-social de produção dos sentidos, a partir do materialismo histórico, da linguística e da teoria do discurso”.

Para explicitar melhor a teoria, este artigo está dividido em duas partes correlacionadas.

1 Importante ressaltar, de fato, que a Análise do Discurso não trabalha com a concepção de língua da Linguística, a língua da transparência, da autonomia, da imanência. A língua do analista do discurso é outra. É a língua de ordem material, da opacidade, da possibilidade do equívoco como fato estruturante, da marca da historicidade inscrita na língua. É a língua da indefinição do direito e avesso, do dentro e fora, da presença e ausência (FERREIRA, 2005, p. 17).

Na primeira, como questões teóricas, discutimos pontos sobre a formação discursiva: consenso e autossujeição; discurso religioso e ideologia e, por último, os sentidos do silêncio. Para isso, nos baseamos, sobretudo, em Orlandi (1996, 2007); Pêcheux (1997) e Althusser (1985). Na última etapa, analisamos as materialidades discursivas. Por fim, tecemos nossas considerações finais.

A formação discursiva: consenso e autossujeição

Na narrativa bíblica da formação humana, foi através da palavra que Deus criou todas as coisas e, tendo em conta, a necessidade de cuidadores da criação formou o homem do pó da terra. Este, possuindo a sua imagem e semelhança deveria governar sobre tudo. Contudo, o “poderoso criador do universo” percebeu que não era bom que o homem estivesse só e o fez cair em um sono profundo, tirou-lhe uma costela e dela formou a mulher e deu-lhe por companheira. Entretanto, segundo *Gênesis 3* (BÍBLIA, 2006, p. 5-6), em meio ao paraíso, estava o inimigo à espreita.

Ora, a serpente era a mais astuta que todas as alimárias do campo que o Senhor Deus tinha feito. E esta disse à mulher: É assim que Deus disse: Não comereis de toda árvore do jardim? E disse a mulher à serpente: do fruto das árvores do jardim comeremos. Mas, do fruto da árvore que está no meio do jardim, disse Deus: não comereis dele, nem nele tocareis, para que não morrais. Então, a serpente disse à mulher: certamente não morrereis. Porque Deus sabe que, no dia em que comerdes, se abrirão os vossos olhos, e sereis como Deus, sabendo o bem e o mal. E vendo a mulher que aquela árvore era boa para se comer, e agradável aos olhos, e árvore desejável para dar entendimento, tomou do seu fruto, e comeu e deu também a seu marido, e ele comeu com ela.

Com a entrada do pecado no Jardim do Éden, constatou-se o início de um labor eterno, principalmente, pela culpabilização da mulher pela queda do homem. Basta observar que, no título do capítulo de *Gênesis 3*, temos a seguinte narrativa: “A tentação de Eva e a queda do homem”. No corpo do texto (BÍBLIA, 2006, p. 6, GÊNESIS, 3) temos a seguinte narrativa:

E chamou o Senhor Deus a Adão e disse-lhe: onde estás? E ele disse: ouvi a tua voz soar no jardim, e temi, porque estava nu, e escondi-me. E Deus disse: quem te mostrou que estavas nu? Comeste tu da árvore de que te ordenei que não comesses? Então disse Adão: a mulher que me deste por companheira, ela me deu da árvore, e comi. [...] Então, disse Deus a mulher: multiplicarei grandemente a tua dor e a tua conceição; com dor terás filhos; e o teu desejo será para o teu marido, e ele te dominará.

Parece-nos contradizer a citação de *Ezequiel*: “A alma que pecar é esta que morrerá” (BÍBLIA, 2006, EZEQUIEL, 37), pois neste trecho bíblico o pecado e a culpa são individuais. No entanto, em *Gênesis* a culpa da queda do homem encontra-se na prática da mulher de induzi-lo ao pecado. Essa ideia apontou falsos estigmas à mulher, como fraqueza e fragilidade, o que Pêcheux (1997) denomina como formações ideológicas e discursivas para domínios de pensamento.

A formação discursiva e a formação ideológica para Pêcheux (1997), se relacionam entre si, no sentido de que são as formações ideológicas que constituem suporte para as formações discursivas. Sobre isso também discorre Sobrinho Silva (Et al. 2017, p. 70-71): “As formações

ideológicas, como organização de posições políticas e ideológicas, constituem suportes indispensáveis para as formações discursivas”.

Sobre as Formações Discursivas, também, afirma Pimenta (2016, p. 50):

Podemos pensar as FD como sendo o lugar onde o discurso toma ‘forma’, construindo sentidos a partir do lugar onde é produzido e por quem é proferido. Isto quer dizer que os sentidos não são produzidos aleatoriamente, mas que as palavras mudam de sentido de acordo com o lugar/posição de quem as proferem, ou seja, de acordo com as FI que os constituem.

Ainda para Pêcheux (1997) os domínios de pensamento se realizam ou se constituem sócio historicamente sob a forma de pontos de estabilização discursiva que produzem o sujeito, a partir daquilo que é proporcionado a ele ver, compreender, fazer, temer, entre outros. É assim que o sujeito se reconhece a si mesmo e, a partir de então, acha condições de “consenso” na formação discursiva, reverberando sentidos ideologicamente marcados no intuito de provocar a autossujeição e a interpelação do sujeito pela ideologia. Para Pêcheux (1997, p. 159-160),

é a ideologia que, através do “hábito” e do “uso”, está designando, ao mesmo tempo, o que é e o que deve ser, isto é, às vezes, por meio de “desvios” linguisticamente marcados entre a constatação e a norma e que funcionam como um dispositivo de “retomada do jogo”. É a ideologia que fornece as evidências pelas quais “todo mundo sabe” o que é um soldado, um operário, uma fábrica, uma greve etc., evidências que fazem com que uma palavra ou um enunciado “queiram dizer o que realmente dizem” e que mascaram, assim, sob a “transparência da linguagem”, aquilo que chamamos o caráter material do sentido das palavras e dos enunciados.

Dessa forma, Melo (2011) contribui ao dizer que os sentidos são produzidos por intermédio de embates ideológicos inscritos e desenvolvidos em processos históricos. Para isso, os sentidos inscrevem-se em formações discursivas que orientam os sujeitos naquilo que pode e deve ser dito. Assim, considera-se o caráter material do sentido, mascarado por sua evidência transparente, logo não são os sujeitos que definem os sentidos das palavras, estas, como dito antes, são determinadas por formações discursivas, filiadas a formações ideológicas e é sobre ideologia que discutiremos no próximo tópico.

Discurso Religioso e Ideologia

É interessante ressaltarmos o papel da militância do discurso religioso em prol de uma ideologia dominante que reverbera posições de classes (ALTHUSSER, 1985). Interrogar os mistérios de Deus, para esses militantes, está fora de cogitação, tudo deve continuar em um misterioso segredo, nada deve ser interrogado, mas apenas vivido e recebido de forma prazerosa, sobretudo, a subordinação. O silêncio é sagrado e jamais deverá ser rompido.

A ideologia tem por objetivo prescrever práticas e regular comportamentos, sempre voltada a uma incessante luta de inculcação da verdade. Em outras palavras, a religião trabalha para que o crer seja de fato concretizado. Sendo assim, aquele que acredita fielmente na palavra divina jamais deixará de submeter-se, operando o papel da ideologia de produzir a autossujeição.

Para Althusser (1985, p. 97), a ideologia interpela os indivíduos enquanto sujeitos através das práticas de rituais de reconhecimento ideológico, como, por exemplo, uma abordagem policial que diz: “Ei, você aí!”. Quando o indivíduo se volta ao policial e, assim, reconhecendo

que um chamado foi feito, esse indivíduo concreto se converte em sujeito. A interpelação, na citação abaixo, acontece no ritual do aperto de mão devido a um reconhecimento do sujeito real e único. Por essa razão, Althusser (1985, p. 95) assinala que:

Quando reconhecemos na rua alguém do nosso (re) conhecimento, demonstramos que o reconhecemos (e que reconhecemos que ele nos reconheceu) dizendo “alô, como vai”? apertando-lhe a mão (prática ritual material do reconhecimento ideológico da vida quotidiana), ao menos na França: em outros lugares, outros rituais.

No caso da religião, nota-se que a interpelação dos sujeitos se dá através da existência de um outro sujeito, único e central. Para Althusser (1985), Deus se apresenta como esse sujeito, aquele que diz: “Eu sou” (BÍBLIA, 2006, GÊNESIS, 3:14). Então, faz sentido quando este autor relata que toda ideologia tem um centro, um sujeito absoluto a interpelar os indivíduos como sujeitos: “Tu és meu servo a quem chamo pelo nome” (BÍBLIA, 2006, ISAÍAS, 45:4). Logo, esses sujeitos se reconhecem como servos de um ser único e poderoso. Nessa direção, sua função é simplesmente obedecer sem necessitar de justificativa, não existe alternativa, “a fé é o firme fundamento das coisas que se esperam e a prova das coisas que se não se veem” (BÍBLIA, 2006, HEBREUS, 11:1), a fé é incondicional. A única alternativa real é o silêncio e a obediência.

Sentidos do Silêncio

Em *As Formas do Silêncio: no movimento dos sentidos* Orlandi (2007) percebe o silêncio como composição de significação, “no silêncio os sentidos se movem amplamente” (p. 27) oferecendo discernimento dentro da linguagem, pois, há no silêncio, multiplicidades significativas. No entanto, segundo a autora (2007), o silêncio não é diretamente observável, mas ele não é vazio, do ponto de vista da percepção: nós o sentimos, ele está presente na *práxis*. Para que o silêncio se torne visível, é necessário o olhar indireto de métodos oriundos de discursos e materialidades históricas.

Orlandi (2007) inicia suas reflexões no significado do silêncio religioso, algo que, desde tempos remotos, é recebido como sagrado e primordial nos ensinamentos da igreja. Poderíamos citar várias passagens de textos “sagrados” em que se dá prioridade ao silêncio, meditação e ao retiro espiritual. Essas histórias sacras geralmente apareciam em contextos em que os profetas eram castigados e recebiam o isolamento e silenciamento como punição para purificação.

Segundo Ferrarezi Jr. (2014), o maior trabalho da religião não era exatamente de formar homens para a vida, era a formação para a vida eterna, para a salvação. Tudo seria voltado para a contemplação interior através da meditação e a oração como arrependimento dos pecados. Orlandi (2007, p. 62) corrobora na discussão ao afirmar que,

na Grécia, o silêncio tinha lugar importante nas sociedades pitagóricas e nos círculos órficos. Pitágoras exigia um ou mesmo três anos de silêncio como forma de iniciação na ordem religiosa. Sócrates refere várias vezes a importância do silêncio como forma de conhecimento e, comparando-o à fala, afirma que o silêncio é bem decisivo que aquele.

Cabe classificar que o propósito no silêncio está dirigido à questão de introspecção, novos pensamentos e contemplação no intuito de obtenção de valores ressignificados, melhor dizendo, transformados por intermédio da autossujeição.

Orlandi (2007) concebe o silêncio como fundante, admitido como política de sentido. Estes são pontos relevantes em sua obra. Esses tópicos nos dirigem para a forma da matéria

histórica, através dos aparelhos ideológicos de Estado, os quais se esforçam em sedimentar as possibilidades significantes “[...] a política do silêncio como efeito de discurso que instala o anti-implícito: se diz x para não deixar dizer y” (ORLANDI, p. 73). É o apagamento dos sentidos que se quer evitar. Para maior clareza, veja a denominação “Nova República”, segundo a autora (2007), existiu um apagamento de que no Brasil houve uma ditadura. Com isso, ao dizer algo convivemos com a tentativa de apagar determinados sentidos em determinadas fases da história.

No caso da religião, aparelho ideológico de Estado, notamos um trabalho constante desta modulação discursiva através da censura. Um trabalho em prol de possibilidades significantes únicas baseadas em ideologias dominantes. O que se instala no contexto é o desejo por uma permanente dominação, por exemplo, as canções e as interpretações bíblicas representam, de forma objetiva e direta, a produção de sentidos literais.

A produção de sentidos literais pode ser enxergada por sua capacidade militante de caracterizar um grupo religioso e reproduzir as fronteiras entre ele e os demais à sua volta. Existe certa condução autoritária em confrontos com o sistema social divergente, considerado por vários religiosos como irracional, pecaminoso ou corrompido. Nesse caso, “o autoritarismo poderia ser visto, nessa perspectiva, como uma espécie de ‘Narcísea Social’, já deseja, procura impor (pelo poder, pela força) um sentido só para toda a sociedade” (ORLANDI, 2007, p. 80).

Nessa direção, no âmbito de discursos religiosos ainda se perdura um trabalho árduo por uma única interpretação de contextos da fé. Existe como ênfase à interpretação literal “o que nos faz ver a literalidade como negação do sujeito” (ORLANDI, 2007, p. 89). Surge, desse modo, a ilusão de que os sentidos discursivos são únicos e não se equivocam. Neste ponto, está justamente a negação dos sentidos. Temos, portanto, a negatividade do sujeito histórico, cultural e heterogêneo do ser.

Marcas do Silenciamento na Reportagem da *Revista Veja*: uma análise

Como ponto de partida da análise, propomos a discussão de uma materialidade discursiva publicada pela *Revista Veja* em 18 de abril de 2016, que causou grande controvérsia no Brasil com o título de: “*Marcela Temer: bela, recatada e do lar*”. Um dia após o afastamento da ex-presidente Dilma Rousseff da presidência, até que o seu *impeachment* fosse consolidado, a *Revista Veja*, publicou a referida matéria. Na época, quem assumiu o comando do país foi o vice-presidente, Michel Temer, então esposo de Marcela Temer.

Reconhecendo que as relações com outros enunciados são observadas no título da reportagem, existiu então, um *continuum* discursivo em um auditório social específico, neste caso, o auditório religioso. Os adjetivos “bela, recatada e do lar”, dados a Marcela Temer, foram constituídos pelas inúmeras vozes sociais que nos circulam historicamente. Cada uma dessas palavras utilizadas para descrever Marcela vem carregada de uma ideologia religiosa, repletas de entonações e significados plurais. Vale justificar que a entonação da palavra cria o vínculo entre a enunciação e o auditório social. Volóchinov (2013, p. 174) aponta que: “uma mesma palavra, uma mesma expressão, pronunciadas com uma entonação diferente, toma um significado diferente”.

As materialidades discursivas que analisamos trazem uma inclinação política da significação que tem como convidado primordial o silenciamento, como forma não de fazer calar, mas de fazer dizer uma coisa, no intuito de deixar de dizer outra. Em outras palavras, o silêncio recorta o dizer. As palavras que iremos expor, por intermédio das materialidades, representam uma disciplina da significação do silêncio. Dessa maneira, a produção verbal, aquilo que foi dito, serve para administração do silêncio (ORLANDI, 2007). A seguir, dispomos a transcrição da referida matéria em sua integralidade.

Quadro 1: transcrição da Matéria da *Revista Veja*.

Por Juliana Linhares

Marcela Temer é uma mulher de sorte. Michel Temer, seu marido há treze anos, continua a lhe dar provas de que a paixão não arrefeceu com o tempo nem com a convulsão política que vive o país – e em cujo epicentro ele mesmo se encontra. Há cerca de oito meses, por exemplo, o vice-presidente, de 75 anos, levou Marcela, de 32, para jantar na sala especial do sofisticado, caro e badalado restaurante Antiquarius, em São Paulo. Blindada nas paredes, no teto e no chão para ser à prova de som e garantir os segredos dos muitos políticos que costumam reunir-se no local, a sala tem capacidade para acomodar trinta pessoas, mas foi esvaziada para receber apenas “Mar” e “Mi”, como são chamados em família. Lá, protegido por quatro seguranças (um na cozinha, um no toalete, um na entrada da sala e outro no salão principal do restaurante), o casal desfrutou algumas horas de jantar romântico sob um céu estrelado, graças ao teto retrátil do ambiente. Marcela se casou com Temer quando tinha 20 anos. O vice, então com 62, estava no quinto mandato como deputado federal e foi seu primeiro namorado.

Michelzinho, de 7 anos, cabelo tigelinha e uma bela janela no lugar que abrigará seus incisivos centrais, é o único filho do casal (Temer tem outros quatro de relacionamentos anteriores). No fim do ano passado, Marcela pensou que esperava o segundo filho, mas foi um alarme falso. “No final, eles acharam que não teria sido mesmo um bom momento para ela engravidar, dada a confusão no país”, conta tia Nina, irmã da mãe de Marcela. Ela se refez do sobressalto, mas não se resignou – ainda quer ter uma menininha. No Carnaval, Marcela planejou uns dias de sol e praia só com o marido e o filho e foi para a Riviera de São Lourenço, no Litoral Norte de São Paulo. Temer iria depois, mas, nos dias seguintes, o plano foi a pique: o vice ligou, dizendo que estava receoso de expor a família, devido aos ânimos acirrados no país. Pegou Marcela, Michelzinho, e todo mundo voltou para casa.

Bacharel em direito sem nunca ter exercido a profissão, Marcela comporta em seu curriculum vitae um curto período de trabalho como recepcionista e dois concursos de miss no interior de São Paulo (representando Campinas e Paulínia, esta sua cidade natal). Em ambos, ficou em segundo lugar. Marcela é uma vice-primeira-dama do lar. Seus dias consistem em levar e trazer Michelzinho da escola, cuidar da casa, em São Paulo, e um pouco dela mesma também (nas últimas três semanas, foi duas vezes à dermatologista tratar da pele).

Por algum tempo, frequentou o salão de beleza do cabeleireiro Marco Antonio de Biaggi, famoso pela clientela estrelada. Pedia luzes bem fininhas e era “educadíssima”, lembra o cabeleireiro. “Assim como faz a Athina Onassis quando vem ao meu salão, ela deixava os seguranças do lado de fora”, informa Biaggi. Na opinião do cabeleireiro, Marcela “tem tudo para se tornar a nossa Grace Kelly”. Para isso, falta só “deixar o cabelo preso”. Em todos esses anos de atuação política do marido, ela apareceu em público pouquíssimas vezes. “Marcela sempre chamou atenção pela beleza, mas sempre foi recatada”, diz sua irmã mais nova, Fernanda Tedeschi. “Ela gosta de vestidos até os joelhos e cores claras”, conta a estilista Martha Medeiros.

Marcela é o braço digital do vice. Está constantemente de olho nas redes sociais e mantém o marido informado sobre a temperatura ambiente. Um fica longe do outro a maior parte da semana, uma vez que Temer mora de segunda a quinta-feira no Palácio do Jaburu, em Brasília, e Marcela permanece em São Paulo, quase sempre na companhia da mãe. Sacudida, loiríssima e de olhos azuis, Norma Tedeschi acompanhou a filha adolescente em seu primeiro encontro com Temer. Amigos do vice contam que, ao fim de um dia extenuante de trabalho, é comum vê-lo tomar um vinho, fumar um charuto e “mergulhar num outro mundo” – o que ocorre, por exemplo, quando telefona para Marcela ou assiste a vídeos de Michelzinho, que ela manda pelo celular. Três anos atrás, Temer lançou o livro de poemas intitulado *Anônima Intimidade*. Um deles, na página 135, diz: “De vermelho / Flamejante / Labaredas de fogo / Olhos brilhantes / Que sorriem / Com lábios rubros / Incêndios / Tomam conta de mim / Minha mente / Minha alma / Tudo meu / Em brasas / Meu corpo / Incendiado / Consumido / Dissolvido / Finalmente / Restam cinzas / Que espalho na cama / Para dormir”. Michel Temer é um homem de sorte.

Da reportagem, destacamos algumas construções linguísticas que nos chamam a atenção dentro do corpo dessa matéria, a exemplo: “Foi seu primeiro namorado” / “Marcela é uma vice-primeira-dama do lar” / “Marcela sempre chamou atenção pela beleza, mas sempre foi recatada” / “Ela gosta de vestidos até os joelhos e cores claras”. Não estranhamos a familiaridade dessas frases em contextos de discursos bíblicos com o intuito de que a religião seja inserida como uma instituição que assegura a submissão por meio dos ensinamentos de boa conduta (ALTHUSSER, 1985).

Corroboram com esses ensinamentos as várias interpretações a partir de textos bíblicos. Podemos citar o que foi escrito na *Bíblia* (2006) em *1 Timóteo 2* que recomenda que as mulheres se vistam com decência, sobretudo, com modéstia e com aspectos baseados na discrição. O escritor ainda orienta o não uso de tranças, joias, ouro ou pérolas. A mulher não deve buscar roupas caras, mas que se vista de boas obras e condutas irrepreensíveis para que possa ser notada como “serva do Senhor”.

Em contraste, percebemos que em muitos momentos da história, nas memórias de discursos machistas, ao homem é assegurado o direito, sem estranhamento, de ter namorado várias mulheres antes do casamento e até mesmo durante, sem nenhum segredo, sem que isso lhe impute alguma culpa ou desvalorização social. No que se refere ao papel da mulher, no discurso religioso, cabe o cuidado com o marido, com o lar e com os filhos. Que seja pura em atos, vestes e pensamentos. Não deverá chamar a atenção, devendo-se comportar de forma recatada. No versículo bíblico adiante (BÍBLIA, 2006, TITO 2:3-5) afirma-se que,

as mulheres idosas, semelhantemente, que sejam sérias no seu viver, como convém a santas, não caluniadoras, não dadas a muito vinho, mestras no bem. Para que ensinem as mulheres novas a serem prudentes, a amarem seus maridos, a amarem seus filhos. A serem moderadas, castas, boas donas de casa, sujeitas a seus maridos, a fim de que a palavra de Deus não seja blasfemada.

Nesse seguimento, voltam-se para a conservação do silêncio literal, considerando-se que as mulheres devem seguir as orientações bíblicas em *1 Coríntios 14*. 34-35, observando um contexto conservador, mantendo-se caladas. Segundo esse escrito, não havia permissão para que falassem em público, mas que estivessem submissas, como orientava as leis daquela época, naquele país. Caso surgisse o desejo de arguir, isso deveria ser feito unicamente em casa para o seu próprio marido, uma vez que, segundo *1 Timóteo 2* (BÍBLIA, 2006, pp. 11-15), para a mulher era vergonhoso falar abertamente.

A mulher aprenda em silêncio, com toda a sujeição. Não permito, porém, que a mulher ensine, nem use de autoridade sobre o marido, mas que esteja em silêncio. Porque primeiro foi formado Adão, depois Eva. E Adão não foi enganado, mas a mulher, sendo enganada, caiu em transgressão. Salvar-se-á, porém, dando à luz filhos, se permanecer com modéstia na fé, no amor e na santificação.

Sabemos que, segundo alguns leitores/intérpretes da *Bíblia*, cabe à mulher um comportamento “moderado” e “recatado”. Todavia, não somente na fé cristã, mas como em inúmeras crenças, algumas até com mais rigidez. A imagem feminina é vista como um objeto de desejo e pecado. Em certas doutrinas, a mulher serve apenas como reprodutora sendo terminantemente proibida de exercer qualquer função além do que a “fé incondicional” permite.

Dado o exposto, o discurso do comportamento feminino reforçado na reportagem da *Revista Veja* provocou, alguns dias após a sua publicação, uma grande repercussão, mais explicitamente no meio religioso. Neste, os ecos da matéria se apresentam de uma maneira deformada. Na sequência da publicação da *Veja*, a pastora Elizete Malafaia faz a seguinte postagem

em suas redes sociais:

Quadro 2: transcrição da postagem da Pastora Elizete.

A minha família é a minha prioridade!
#FelizPorSerMulherEsposaDoLar #SouMulherVitoriosa
Se você ama a sua família e valoriza o nobre ofício de ser uma mulher decente e do lar, divulgue a nossa hashtag, e manifeste o seu amor e felicidade por ter uma família abençoada!

Fonte: www.instagram.com/elizetemalafaia

Reforçando o imaginário necessário na produção dos sentidos no que se refere à submissão da mulher “do lar”, enfatizada na reportagem da *Veja*, há um incentivo por parte da pastora, que é uma grande influência no meio evangélico, para que as mulheres postem em suas redes sociais uma foto usando a hashtag “#felizPorSerMulherEsposaMãeDoLar”. Nos discursos a serem produzidos por outras mulheres, as relações significantes do discurso religioso que silencia a mulher, permitem um remontar ilusório do entendimento e de aceitação.

Observando as palavras da pastora, percebemos que o silêncio não está apenas entre as palavras, ele as atravessa, é o acontecimento essencial da significação do que ela não diz. O sujeito em face do discurso estabelece um laço com o silêncio, mesmo que essa relação não se mostre necessariamente em um nível de consciência plena. Orlandi (2007, p. 69) nos diz que: “Aí está, acreditamos, um dos aspectos da polissemia: mais se diz, mais o silêncio se instala, mais os sentidos se tornam possíveis e mais se tem ainda a dizer”.

Nesse sentido, ao dizer “[...] valoriza o nobre ofício de ser uma mulher decente e do lar”, a pastora silencia as mulheres que não são do lar. Este é um discurso ideológico machista, que forma o inconsciente feminino inculcando que “lugar de mulher é em casa [...]”, minando as conquistas históricas das mulheres por direitos iguais aos dos homens.

Na postagem da pastora Elizete Malafaia, a mulher deve valorizar o ofício de ser “decente e do lar” manifestando publicamente o amor à sua família. Poucas horas depois, a referida campanha toma grandes proporções quando a cantora e pastora Ana Paula Valadão resolve também aderir.

Quadro 3: transcrição da postagem da Pastora Ana Paula Valadão.

Amei a campanha que a Pra. @elizetemalafaia lançou hoje! Vejam que legal e participem também! Vamos espalhar nossos valores: A minha família é a minha prioridade! #FelizPorSerMulherEsposaMãeDoLar #SouMulherVitoriosa
“A pastora Elizete Malafaia está lançando uma campanha nas redes sociais para mostrar pro mundo que feliz é a mulher que tem uma família e que cuida do seu lar. Mulheres vitoriosas devem postar no seu facebook, instagram e Twitter, uma foto com a sua família (filhos e marido), ou uma foto com um avental, ou louça, ou com bebê no colo, enfim, uma imagem indicando que você cuida do seu lar e como legenda digite: A minha família é minha prioridade! #soufelizporsermulheresposamaedolar #soumulhervitoriosa”.

Fonte: www.instagram.com/anapaulavaladaooficial

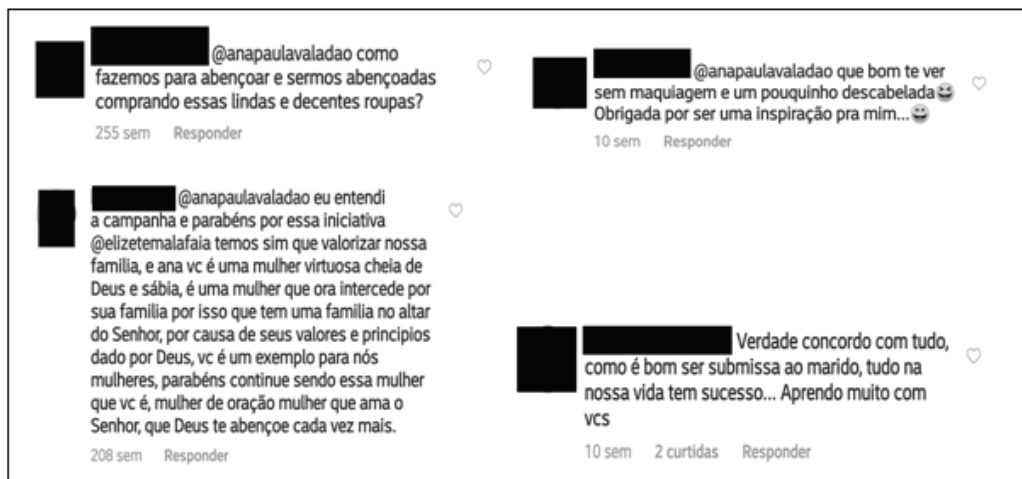
Este discurso reforça que nenhuma mulher é feliz, completa e bem-sucedida se não for casada e mãe, silenciando o número de lares em que a mulher trabalha, é a chefe da casa, assumindo as responsabilidades financeiras, sendo mãe ou não.

Também revela, silenciando, que a noção de família na campanha #Minhafamiliaeaminhaprioridade pertence ao modelo de famílias tradicionais, ou seja, na qual há um companheiro do sexo masculino. Não se comenta na campanha, fazendo silenciar, o papel das mulheres nas famílias de casais separados, além de estabelecer uma dicotomia entre as mulheres casadas, com filhos e do lar e as mulheres casadas, com filhos, mas que trabalham fora.

A postagem chega ao ápice de mais de 5 mil compartilhamentos e, notoriamente, as

redes sociais são inundadas de fotos de mulheres realizando alguma tarefa doméstica. Nos discursos, no meio evangélico, estava declarada uma passividade e sujeição por parte das mulheres evangélicas que reforçam o entendimento da aceitação à condição feminina de manterem-se afastadas da vida social e submissas ao lar. Como em um *continuum* discursivo, notamos ecos que ressoam em datas anteriores e posteriores à matéria em questão (*Revista Veja*, abril de 2016) e a postagem da pastora (quadro 3). Selecionamos alguns comentários publicados por seguidoras do perfil do *Instagram* de Ana Paula Valadão em diferentes datas.

Quadro 4: Comentários em postagens de Ana Paula Valadão.



Fonte: www.instagram.com/anapaulavaladaooficial

Seguindo uma ordem cronológica (2015, 2016 e 2020), o primeiro comentário disposto no quadro 4 (lado esquerdo), aparece em uma postagem no ano de 2015 quando a pastora colocou em foco o *look* que usou em um culto na cidade de Fortaleza CE. Vestido claro florido até os joelhos, jaqueta de lã vermelha com mangas longas, cabelos presos e sapatos bege. A partir disso, uma de suas seguidoras lhe indaga: “como fazemos para abençoar e sermos abençoadas comprando essas lindas e decentes roupas?”. O segundo comentário no quadro 4 (lado esquerdo) surgiu em 2016 confirmando a aceitação da campanha “#FelizPorSerMulherEsposaMãeDoLar”, que ressoa os ecos advindos da matéria da *Revista Veja* no mesmo ano. A seguidora diz: “entendi a campanha e parabéns pela iniciativa”.

Os comentários que dispomos no lado direito do quadro 4 foram retirados de uma postagem no *Instagram* em 2020 quando Ana Paula surge sem maquiagem, cabelos soltos e vestido modesto para aconselhar suas seguidoras no tocante à vida no casamento. Os conselhos reafirmam o *continuum* discursivo sob o ideário da mulher submissa. Em destaque aparece a “beleza interior e a submissão ao marido”. Conseqüentemente, surgem relatos de inspirações e aprendizagem pelos ensinamentos quando as seguidoras destacam: “obrigado por ser uma inspiração pra mim” e “aprendo muito com vcs”.

Em inúmeras outras postagens de Ana Paula Valadão enxergamos o *continuum* discursivo da subordinação. Por sinal, basta analisar as composições de suas canções que confirmam a sua interpelação como sujeito. Como destaque, trouxemos a canção “*Sou Ester*”, lançada em meados de 2018.

Quadro 5: Música *Sou Ester* de Ana Paula Valadão.

Sou Ester
Para um tempo como este
Fui forjada para estar aqui
Para um tempo como este
Me levanto e digo sim
Sou Ester, sou estrela que brilha na escuridão
Dócil e submissa sou sábia, sou mãe da nação
Poderosa em Deus com jejum e oração
Coroadada, escolhida
O rei me deu seu coração
Sou Ester, sou Débora, sou Rute, Noemi
Sou Raabe, sou...

Fonte: Site oficial do Diante do Trono

Na letra dessa canção, destacamos o seguinte trecho: “Sou estrela que brilha na escuridão, dócil e submissa”. Como nessa e em outras canções e pregações de sua autoria, a pastora mantém o verbo ser, quer dizer, o modo de sua percepção de existir como sujeito: “Sou Vitoriosa”, “Sou Mãe”, “Sou Mulher”, “Sou do lar”. Sobre isso nos afirma Althusser (1985, p. 96):

Sugerimos então que a ideologia “age” ou “funciona” de tal forma que ela “recruta” sujeitos dentre os indivíduos (ela os recruta a todos), ou “transforma” os indivíduos em sujeitos (ela os transforma a todos) através desta operação muito precisa que chamamos interpelação, que pode ser entendida como o tipo de mais banal de interpelação policial (ou não) cotidiana: “ei, você aí”.

Ao responder “eu sou”, Ana Paula Valadão age ideologicamente. Existe uma ideologia predominante a marcar o seu lugar social e ela prontamente o aceita como tal. É curioso que o sujeito não reconhece precisamente que está agindo ideologicamente, notamos assim que é “um dos efeitos da ideologia a negação prática do caráter ideológico da ideologia” (ALTHUSSER, 1985, p. 97). Não se reconhece a alienação. A acusação de estar agindo ideologicamente está sempre nos outros e nunca em nós.

A militância pela modéstia e o recolhimento da mulher ao contexto do lar por Ana Paula Valadão registra-se há anos. A pastora lidera um congresso que intitulou de *Mulheres Diante do Trono*. Suas edições, a princípio, ocorriam na sede da Igreja Batista da Lagoinha, em Belo Horizonte, mas, posteriormente, o evento tomou ramificações diversas. A título de exemplo temos o *Moças Diante do Trono*, que acontece em diversas regiões do Brasil. Segundo Rosas (2015), o congresso tem por ideal os esforços na construção e manutenção de uma cultura evangélica que se estendam a tentativas de disciplinar a aparência feminina, a sexualidade, a conjugalidade com ênfase na “família padrão” e na resignação ao lar.

Ao participar de um dos congressos *Mulheres Diante do Trono*, organizados na Igreja Batista da Lagoinha, Rosas (2015, p. 200) relata o seguinte:

Em mais de uma vez, Valadão ensinou um teste para identificar se certo traje estaria adequado. Solicitou que as mulheres se levantassem dos bancos e estendessem as mãos para o alto o máximo que pudessem. Caso a região da genitália estivesse muito realçada e/ou a blusa deixasse expor qualquer parte da barriga, significava que o modelo escolhido estava errado. As

mulheres também eram chamadas a se virarem e observarem a região das nádegas. Caso as calças estivessem muito apertadas, ou os vestidos ou as saias muito curtas, era sinal que a roupa estava inapropriada. Por último, ela pedia para que as mulheres se assentassem. Se a saia ou o vestido subisse acima do joelho, estava curto demais. As moças também deveriam abaixar-se como se fossem abraçar os joelhos. Se qualquer nuance do volume dos seios aparecesse, novamente era indício de que o traje não representava o modo como uma mulher evangélica deveria se vestir.

Segundo a autora, Ana Paula revela algumas tendências da moda em seus congressos: vestidos longos, detalhes em couro, estampas florais, conjuntos, altura das calças, uso de *echarpes*, moda *plus size*, entre outros. Contudo, salienta que a preocupação não deve residir no embelezamento exterior, mas ao trato interior pela ação da espiritualidade e obras relacionadas ao lar, cuidado com os filhos e o esposo. Continuando seus ensinamentos de conduta, segundo Rosas (2015, p. 203), a pastora ressalta que,

em restaurantes, as mulheres sempre devem deixar que os homens as conduzam, escolham a mesa, peçam o cardápio, façam o pedido e chamem o garçom. A mulher nunca deve se levantar para cumprimentar pessoas que cheguem ao local posteriormente, salvo sejam idosos. Deve saldar a todos com um sorriso e com o cumprimento de mãos, sem, contudo, balançá-las ao cumprimentar. Abraços só podem ser dados a conhecidos, e mesmo assim devem ser moderados e não podem ser acompanhados de tapas nas costas. Na hora de se alimentar, a mulher nunca deve usar o mesmo prato se quiser repetir [...] é dito que a conta deve ir direto para as mãos do homem, que é o responsável pelo pagamento. Se a mulher ganhar mais, ele deve conhecer a senha do cartão dela, e digitá-la sem dar a impressão que não é ele quem está pagando. A mulher pode, gentil e discretamente, passar seu cartão de crédito para o marido por baixo da mesa. Se não se tratar de marido e esposa, que se subentende que tenham um mesmo orçamento familiar, a mulher jamais deve fazer o pagamento. Também não deve usar carteira no bolso ou pochete, pois isso é considerado extremamente deselegante.

Perceba que a questão da conduta é algo relevante nesse discurso, sobretudo, aquilo que referimos como submissão ou até mesmo o reconhecimento de inferioridade da mulher para com o homem, proporcionando questões de significação do silenciamento tomadas por interpretações literais de textos bíblicos. Para Orlandi (2007), quando os sujeitos estão condenados a significar, a interpretação é regida pela literalidade, a significação surge como universais e eternas, logo o resultado será único e saturado trazendo sensação de completude. O sujeito se percebe cheio de verdades absolutas que, de certo modo, o satisfazem e completam.

Nesse caso, poderíamos afirmar que o silêncio seria o exílio do sujeito, uma vez que já estaria habitado pelo já-dito, o pleno, o efeito de uma única direção discursiva da verdade: o literal. Junto à produção do efeito da literalidade, esse mecanismo de apagamento e de silêncio tiram do sujeito a possibilidade de mover-se em alteridade, o que nos faz ver a literalidade como negação do sujeito, a ilusão de o “seu” sentido só poder ser aquele rigidamente fixado é justamente sua negação (ORLANDI, 2007).

Nesse ponto de vista, pela ausência de diálogos plurais, surge uma violenta subordinação do sujeito aos discursos fixados historicamente. Desaparece a alteridade e, consequentemente, o construto da identidade, ou podemos notar uma identidade fragilizada pela violência

da ausência de sua autonomia discursiva. Para mostrar uma satisfação a significações rígidas, literais e negacionista da autonomia do seu próprio eu, trouxemos abaixo um diálogo entre Ana Paula Valadão e Nina Rosas em 2014.

Quadro 6: Entrevista de Ana Paula Valadão à Nina Rosas.

“Quando uma mulher se converte a Jesus, começa a ler a Bíblia, começa a entender os princípios bíblicos sobre o homem, sobre a mulher, sobre a relação dos gêneros, e essa mulher começa a receber a capacitação do Espírito Santo; é algo tão natural, que você não faz força pra ser **submissa**, sabe? É um respeito, **é um negar a si mesmo muitas vezes**, e que deve acontecer não só na relação marido e mulher, mas na submissão uns aos outros todo o tempo, que é muito natural, sabe? É uma humildade nos relacionamentos, um quebramento. Não é um endurecimento do coração, é muito tranquilo. **Eu não vejo como machismo**, como se eu tivesse valorizando o homem para desvalorizar a mulher. De modo algum. **É muito tranquilo**. Sou tão feliz. **Sou muito mais feliz no meu casamento depois que comecei não só a conhecer, mas a vivenciar a submissão**. E você já deve ter ouvido eu falar também, né? sobre esse respeito da mulher a toda figura masculina. No local de trabalho, com pais, com irmãos. Gente, é tão tranquilo, tão bom” (excerto de entrevista, junho de 2014).

Fonte: Rosas (2015, p. 204)

Consideramos o clímax das suas declarações quando Ana Paula pronuncia uma das frases que destacamos no quadro 6: “Sou muito feliz no meu casamento depois que comecei não a conhecer, mas a vivenciar a submissão”. Seu posicionamento está diretamente relacionado à questão da saturação e da completude, pois, ela se sente tranquila na submissão, ou seja, não enxerga a violência machista em seu próprio discurso. Assim, convergem seus congressos com as materialidades que estamos analisando sustentando o já-dito (ou que ainda iria dizer) em suas redes sociais: #sou-felizporsermulheresposamaedolar. Como também o que disse a *Veja* em 2016: “bela, recatada e do lar” ou “Marcela é uma vice-primeira-dama do lar”. Tudo isso sustenta os sentidos institucionalizados, acabados e admitidos como naturais, proporcionando o silenciamento da mulher evangélica.

Considerações Finais

Nosso interesse em analisar o silenciamento da mulher evangélica nos levou a repensar os discursos inscritos e ressignificados da resistência ao lugar plural da mulher em nossa sociedade. As sequências discursivas analisadas mostram que a mulher evangélica em nossos dias ainda está presa a dogmas e leis que não mais se aplicam à modernidade nem às nossas leis vigentes. Percebemos isso na citação do Apóstolo Paulo em *1 Coríntios* 14 quando diz que a mulher deve permanecer calada por uma força de lei que vigorava naquela época e naquele país. Muitas igrejas tomam essa literalidade fazendo silenciar o lugar social feminino.

Ao resgatar uma materialidade discursiva publicada pela *Revista Veja* em 2016, intitulada de “*Marcela Temer: Bela, recatada e do lar*”, percebemos que os seus ecos se entrelaçam com outras materialidades linguísticas advindas das pastoras Elizete Malafaia e Ana Paula Valadão que valorizaram a matéria da revista ressignificando a construção do ideário da submissão feminina. Por outro lado, percebemos que são ecos antigos, um *continuum* que reverbera na contemporaneidade. Basta contrastar o que prega Ana Paula Valadão nos congressos de mulheres diante do trono na Igreja Batista da Lagoinha, como também, as letras de algumas de suas canções.

No tocante a essa ressignificação e construção do ideário da submissão feminina, consideramos em Orlandi (2007) a política do silêncio, que disponibiliza o conjunto do que é preciso dizer para poder dizer. A política do silêncio reverbera em si dois pontos essenciais: o silêncio constitutivo com a função de calar algum sentido e o silêncio local como ato de censura. Censu-

ra essa recebida com prazer, como uma missão da ideologia, a partir da interpelação do sujeito como sujeito.

Ana Paula responde em suas canções a essa interpelação: “Eu sou”, “sou submissa”, “sou mulher”, “sou do lar”. Isto posto, o silêncio que analisamos atravessa as palavras. Segundo Orlandi (2007), impor o silêncio não é fazer calar o interlocutor, mas impedi-lo de sustentar outro discurso (dizer x para não deixar dizer y). Falam-se coisas que podem causar rupturas significativas na relação dos sentidos.

Em razão de fontes históricas, citamos a *Bíblia*, porque nos faz refletir sobre o lugar e o efeito da religião desde tempos remotos e em inúmeros contextos, a interpretação literal da *Bíblia*, tomada por algumas religiões, reforça a construção de uma sociedade machista e nega a luta por uma sociedade igualitária. A apresentação da mulher recatada, bela e do lar, presa e submissa ao esposo revela uma ideologia ultrapassada através de lutas incessantes de muitas mulheres que perderam sua vida para que outras fossem livres para ocupar o seu devido lugar.

Referências

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos Ideológicos de Estado**: Nota sobre os aparelhos ideológicos de Estado (AIE). Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

BÍBLIA, Sagrada. **Bíblia de Promessas**: Revisão do estudo das promessas. Rio de Janeiro: Imprensa Bíblica Brasileira, 2006.

FERRAREZI JR., Celso. **Pedagogia do silenciamento: a escola brasileira e o ensino de língua materna**. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. O quadro atual da análise do discurso no Brasil: um breve preâmbulo. In INDURSKY, Freda e Ferreira, Maria Cristina Leandro. (org.) **Michel Pêcheux e a análise do discurso**: uma relação de nunca acabar. São Carlos: Claraluz, 2005.

LINHARES, J. Marcela Temer: bela, recatada e “do lar”. **Veja**, 18 abr. 2016. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temerbela-recatada-e-do-lar/>. Acesso em: 15 abr. 2019.

MALAFAIA, Elizete. **Minha família é a minha prioridade**. Rio de Janeiro, 25 de abr. de 2016. Instagram: @elizetemalafaia. Disponível em: www.instagram.com/elizetemalafaia. Acesso em: 15 abr. 2019.

MELO, Kátia. **Discurso, consenso e conflito**: a (re)significação da profissão docente no Brasil. Maceió: Edufal, 2011.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Interpretação**: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. Petrópolis/RJ: Vozes, 1996.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As Formas do Silêncio**: No Movimento dos Sentidos. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

PIMENTA, Rosângela Oliveira Cruz. **Direita, esquerda, volver: protestos de junho de 2013 na mídia brasileira e seus efeitos de sentido no funcionamento discursivo**. Tese de Doutorado em Letras e Linguística – Universidade Federal de Alagoas – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Maceió, 2016.

ROSAS, Nina. **Cultura evangélica e “dominação” do Brasil**: música, mídia e gênero no caso

do Diante do Trono. Dissertação de Mestrado em Sociologia - Universidade Federal de Minas Gerais - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Belo Horizonte, 2015.

SOBRINHO SILVA, Helson Flávio da. Et al. **O acontecimento discursivo no discurso educacional de Lula: novos sentidos de público irrompem no Brasil.** In: Maria do Socorro Aguiar de Oliveira Cavalcante. (Org.). Linguagem, Discurso, Ideologia: a materialidade dos Sentidos. Maceió: Edufal, 2017.

VALADÃO, Ana Paula. **Minha família é a minha prioridade.** Belo Horizonte, 25 de abril de 2016. Instagram: @anapaulavaladao. Disponível em: www.instagram.com/anapaulavaladao. Acesso em: 15 abr. 2019.

VOLÓCHINOV, Valentin. **A Construção da Enunciação e Outros Ensaios.** São Carlos: Pedro e João editores, 2013.

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e Filosofia da Linguagem: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem.** São Paulo: editora 34, 2017.

Recebido em 29 de agosto de 2020.

Aceito em 20 de outubro de 2020